

Darío Mollá Llácer, sj

**O ACOMPANHANTE
ESPIRITUAL**

Uma espiritualidade para o encontro



EDITORIAL A.O.

Título original

De acompañante a acompañante

© Narcea, S.A. de Ediciones

ISBN 978-84-277-2521-8

Paseo Imperial 53-55, 28005 Madrid, España

Tradução

Joana Ferreira da Silva

Na Capa

Os apóstolos Pedro e João

(Eugène Burnand, 1915)

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

**Impressão
e Acabamentos**

Publito, Estúdio de Artes Gráficas

Depósito Legal n.º

511739/23

ISBN

978-972-39-0954-8

Fevereiro de 2023

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

«Ser» acompanhante espiritual

«Espiritualidade» e «acompanhante espiritual» são as duas expressões principais deste livro. Não se trata de um livro sobre «o que o acompanhante espiritual deve fazer» no acompanhamento espiritual, mas sobre «o que o acompanhante deve ser e viver», de forma a poder acompanhar espiritualmente outras pessoas. Nestas páginas não vou refletir em formas, métodos ou conteúdos do acompanhamento espiritual; vou centrar-me no acompanhante e na «espiritualidade» que dá vida ao seu serviço. Acredito que ao refletir na «espiritualidade» daquele que acompanha espiritualmente posso ajudar os que têm a cargo a bonita – e nem sempre fácil – missão de acompanhar outras pessoas no seguimento de Jesus. E melhorar, assim o creio, a qualidade evangélica da missão do acompanhamento.

Existem já muitos e bons livros que abordam o tema do acompanhamento espiritual e que certamente os leitores deste livro conhecem. Em relação ao acompanhamento

espiritual basta-me dizer que o entendo como Santo Inácio o propõe nos Exercícios Espirituais: ajudar ao encontro com Deus «... *De maneira que quem os dá não propenda nem se incline a uma parte nem a outra, mas estando no meio, como um fiel de balança, deixe agir imediatamente o Criador com a criatura, e a criatura com o seu Criador e Senhor*» (n.º 15)¹. Nas páginas que se seguem o assunto que vou tratar será outro.

Aquilo que me proponho refletir e ajudar a refletir é, preferencialmente, o horizonte, as motivações, as atitudes de fundo, os critérios que devem animar e caracterizar a vivência de quem se sente chamado por Deus e enviado pela comunidade cristã à apaixonante e delicada tarefa de acompanhar as pessoas no seu caminho de encontro com Deus e do serviço aos irmãos a que esse encontro com Deus conduzirá. Tudo isso (horizonte, motivações, atitudes, critérios...) faz parte da «espiritualidade» do acompanhante espiritual. Falar disso é abordar um tema decisivo para quem acompanha e para quem é acompanhado.

É inevitável – e isso não é mau – que, embora pondo a tónica nas atitudes interiores do acompanhante, sobressaíam por vezes os modos concretos como essas atitudes

¹ A este propósito, é muito claro e sugestivo o artigo de Luis M.^a García Domínguez, sj: *Qué es y qué no es el acompañamiento espiritual*. Revista «Sal Terrae», n.º 1227, novembro 2017, págs. 865-877.

se manifestam. Não são aspetos radicalmente diferentes. Muito pelo contrário, iluminam-se mutuamente.

A tarefa do acompanhamento espiritual é muitíssimo delicada. Através dele entramos – e não estou a exagerar ou a usar uma metáfora –, em «terreno sagrado», em terreno onde, num ambiente de total intimidade, a pessoa acompanhada revela os seus desejos mais profundos, toma decisões acerca dos seus projetos mais vitais, enfrenta as suas contradições, limites e conflitos. Para entrar nesse «terreno sagrado» e ajudar, sem humilhar nem causar danos, é necessário possuir certas técnicas e capacidades e a vontade de as usar de uma forma que efetivamente ajude. Infelizmente, verificaram-se já demasiadas vezes situações de subjugação, manipulação, domínio e infantilização da pessoa acompanhada. O acompanhamento espiritual também tem as suas tentações e os seus perigos².

Quando Santo Inácio expressa as condições ou capacidades necessárias a quem dá exercícios espirituais (os exercícios espirituais são sobretudo uma forma de acompanhamento e não de doutrinação), afirma que só pode começar a dar exercícios «*depois de os haver em si experimentado*». Acompanhar no caminho de ir ao encontro do Deus de Jesus é uma missão extraordinariamente delicada

² Ver Rufino Meana, sj: *Formados, éticos y lúcidos. Consideraciones sobre el acompañante espiritual desde una perspectiva antropológica*, Revista «Sal Terrae», n.º 1227, novembro 2017, págs. 879-893.

e é essencial que quem a faz já tenha percorrido esse caminho, condição *sine qua non* para não desorientar, confundir ou impedir.

Não estou a defender que quem acompanha outros tem de ser «perfeito». Se assim fosse, ninguém poderia ser acompanhante. Este livro tem um perigo: o de poder ser lido como uma espécie de retrato do perfil necessário para se ser um bom acompanhante espiritual. Não é isso. Não se trata de desenhar o retrato-robô do acompanhante ideal, porque essa figura não existe. Ir por aí não só seria inútil como contraproducente e só causaria desânimo. O que se pretende é, muito simplesmente, apontar para o «horizonte» espiritual em que se situa a pessoa e a missão do acompanhante. Horizonte que ilumina um caminho de crescimento e aprofundamento, um caminho que se vai fazendo ao acompanhar outros e que nunca está concluído.

Acredito que para se poder fazer acompanhamento há um «princípio e fundamento» incontornável: ter feito o seu próprio percurso na experiência de Deus e do seguimento de Jesus, ter «lido» essa experiência, ter-se deixado acompanhar. Para acompanhar espiritualmente não é preciso ser-se perfeito, mas é preciso possuir-se maturidade e ter tido uma boa experiência de acompanhamento.

Como certamente já terão intuído os leitores destas páginas, as minhas reflexões têm dois pontos de partida. O primeiro, mais teórico, é a conceção inaciana do acom-

panhamento espiritual, expressa nos *Exercícios*, experiência na qual tenho vivido desde que desempenho o serviço do acompanhamento espiritual. O segundo ponto de partida, mais vivencial, é a reflexão acerca da minha própria e longuíssima experiência pessoal enquanto acompanhante espiritual de homens e mulheres muito diferentes e em contextos muito diferentes. Este livro não terá um cariz académico, pois pretende partilhar uma experiência pessoal. Estas páginas são de um acompanhante para outro(s) acompanhante(s). Uma espécie de autobiografia espiritual de um acompanhante que, convidado a partilhar as suas vivências, acredita que com essa partilha pode prestar um serviço de alguma utilidade.

O livro estrutura-se numa série de capítulos breves, que abordam diversas atitudes essenciais na espiritualidade do acompanhante. A ordem dos capítulos obedece a um «itinerário» de fundo, mas como cada capítulo possui a sua própria individualidade, podem ser trabalhados isoladamente. Em cada capítulo há uma «meditação» sobre uma passagem evangélica que pode ajudar a aprofundar alguma das questões abordadas. Essas meditações possuem individualidade e perspectiva próprias: de tal forma que bastariam para revelar tudo o que quis partilhar. Para além disso, podem ser lidas autonomamente, relativamente aos conteúdos dos capítulos em que se encontram.

No seu todo, o livro presta-se à reflexão e meditação pessoal e igualmente ao trabalho em atividades de for-

mação de acompanhantes, individuais ou em grupo. Além disso, as meditações evangélicas podem ser úteis em retiros de formação espiritual ou até em *Exercícios Espirituais* para acompanhantes. Concebi este livro com uma dupla intenção: ajudar na reflexão pessoal e elaborar um material que, pelo seu conteúdo e forma, possa ajudar na formação de acompanhantes em diferentes contextos: paróquias, comunidades, centros educativos, seminários, formação na vida consagrada...

Não posso terminar esta introdução sem exprimir um profundo agradecimento a Deus, que me concedeu a graça e a oportunidade de acompanhar muitos irmãos e irmãs ao longo do apaixonante itinerário do encontro com as suas criaturas amadas. O meu agradecimento estende-se igualmente às pessoas que me acompanharam ao longo da minha vida e que me deram muito mais do que possam pensar, a tanta gente que me confiou o seu acompanhamento e que foi para mim sinal de Deus. Por fim, agradeço à editora Narcea a gentileza de um dia me ter convidado a fazer esta reflexão e que agora a publica, após uma paciente espera devido à minha lentidão.

«APASCENTA AS MINHAS OVELHAS»

Depois de terem comido, Jesus perguntou a Simão Pedro:

– Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?

Pedro respondeu:

– Sim, Senhor, tu sabes que eu sou deveras teu amigo.

Jesus disse-lhe:

– Apascenta os meus cordeiros.

Voltou a perguntar-lhe uma segunda vez:

– Simão, filho de João, tu amas-me?

Ele respondeu:

– Sim, Senhor, tu sabes que eu sou deveras teu amigo.

Jesus disse-lhe:

– Apascenta as minhas ovelhas.

E perguntou-lhe, pela terceira vez:

– Simão, filho de João, tu és deveras meu amigo?

Pedro ficou triste por Jesus lhe ter perguntado, pela terceira vez, «Tu és deveras meu amigo?». Mas respondeu-lhe:

– Senhor, Tu sabes tudo. Tu bem sabes que sou deveras teu amigo!

E Jesus disse-lhe:

– Apascenta as minhas ovelhas (Jo 21, 15-17).

Esta incumbência final que Jesus dá a Pedro na conversa que têm junto ao lago, depois de Pedro ter negado o Crucificado e de o Ressuscitado o ter perdoado, pode apresentar-se como um texto significativo e instituidor do ministério do «acompanhar» na Igreja.

Destaquemos algumas características do texto:

«Simão, filho de João»

A incumbência e o ministério de «apascentar» é dado a um pescador, cujo único mérito e dignidade é, num dado momento da sua vida, ter sido escolhido por Jesus. *«Jesus disse a Simão... serás pescador de homens»* (Lc 5, 10). Nesse momento solene da entrega da incumbência final, Jesus volta a chamar Simão pelo seu nome próprio.

Nós, os que somos enviados pelo Senhor, não passamos de simples humanos, com uma história única de escolha e de negações. A escolha é do Senhor, a graça é do Senhor. E somos enviados depois de nos ter sido oferecida a experiência do perdão e da misericórdia. Somos enviados tal como somos: pecadores perdoados.

Nunca esqueçamos isto. Nem o mistério da nossa escolha, que nos leva a viver a partir do agradecimento, nem a realidade das nossas negações, que nos dá conhecimento sobre nós próprios e sobre a condição humana, nem a experiência do perdão recebido, que nos permitirá acompanhar com misericórdia.

Nunca podemos esquecer que continuamos a ser o «Simão, filho de João», o pescador-pecador (*Lc 5, 8*) escolhido por graça; nem mesmo depois de muitos anos de seguimento e de uma vasta experiência de acompanhamentos. Se nos esquecermos, falhamos e em vez de «acompanharmos», estaremos posicionados em planos que não são os do acompanhamento de irmão para irmão: «... *eu roguei por ti, para que a tua fé não desapareça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos*» (*Lc 22, 32*).

«Tu és deveras meu amigo?... Senhor, Tu sabes tudo. Tu bem sabes que sou deveras teu amigo»

É a última pergunta, a pergunta decisiva antes da entrega da missão. A condição que o Senhor exige para nos encarregar da missão é que sejamos amigos d'Ele. Até lhe serve esse amor limitado e humano que significa o *filéo* da terceira pergunta, comparado com o *agapáo* das duas primeiras e que exprime um amor sem fissuras e sem limite.

O Senhor é um bom pastor que ama as suas ovelhas ao ponto de dar a sua vida por elas (*Jo 10, 11*) e nunca poderia entregar o cuidado das suas ovelhas a alguém que não partilhasse o mesmo sentimento. Amar o pastor é amar as ovelhas pelas quais o pastor deu a sua vida. Quando algum de nós sente que a morte se aproxima, entrega o cuidado dos seus entes queridos àquele com quem se sente

mais identificado: «*Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí a tua mãe*» (Jo 19, 26-27): o discípulo amado (somos todos discípulos amados) à Mãe e a Mãe aos discípulos.

Acompanhar espiritualmente é, antes de mais nada e acima de qualquer tarefa, cuidar do nosso amor por Jesus Cristo, para que n'Ele e a partir d'Ele nos aproximemos das pessoas que acompanhamos. Não nos aproximamos delas a partir de nós, da nossa empatia e muito menos da obrigação: aproximamo-nos delas a partir do amor de Cristo. Isso confere ao nosso acompanhamento um cunho de radicalidade evangélica. Ou seja, torna-o radicalmente evangélico, verdadeiramente espiritual.

Há um outro pormenor neste versículo e nesta terceira resposta de Pedro que não deve passar despercebido à nossa contemplação: esse «tu sabes tudo» que não aparece nem na primeira, nem na segunda resposta. O que é esse «tudo» a que se refere Simão? É o «tudo» dos erros, da debilidade, das negações... O Senhor conhece toda a história: a história do nosso amor e a história das nossas debilidades. É semelhante a dizer algo como: «tu sabes que te amo e tu sabes que te nego», «tu sabes que te nego, mas também sabes que te amo».

O Senhor que nos envia a acompanhar os outros «sabe tudo» acerca de nós, talvez até mais profundamente do que nós próprios e certamente de um modo mais lúcido do que aquele que os nossos autoenganos nos dão. Apesar disso, envia-nos para as ovelhas que ama. É de crer que

cuidará igualmente de nós, para que não prejudiquemos aqueles que Ele nos confia.

«As minhas ovelhas»

Acompanhar nunca é apropriarmo-nos do que não é nosso. As pessoas que acompanhamos são e serão para sempre as do Senhor, nunca as nossas.

Outra circunstância importante a não esquecer. Aquelas a quem acompanhamos não são nossos; nem as pessoas, nem as suas decisões, nem os seus destinos. Apesar de todas as tentações para nos apropriarmos deles. A linguagem é muitas vezes traiçoeira e reveladora: «os meus grupos», «os meus acompanhados», «os meus orientados», «as minhas vocações»...

Assim sendo, o mais importante é garantir que os nossos acompanhados e o seu Senhor, o seu único Senhor, se encontrem frente a frente. A nossa tarefa é facilitar e propiciar esse encontro; não é interferir ou impedi-lo.

Quão livres temos de ser e quão livres podemos ser em relação aos nossos acompanhados quando temos plena consciência que «são» do Senhor e que Ele os ama infinitamente mais e melhor do que nós os poderemos amar! Livres para os acolher e livres para os deixar ir; livres para aceitar os seus estados de ânimo e as suas decisões, quer nos agradem ou não; livres para respeitar o ritmo dos seus processos, ainda que não seja o que nos agrada mais ou

O acompanhante espiritual

pareça mais adequado; livres para não nos apropriarmos dos seus sucessos, nem nos culparmos pelos seus fracassos; livres para perseverar nos momentos em que o acompanhamento se torna difícil; livres para aconselhar uma mudança de acompanhante quando percebemos que já não os podemos ajudar...

Não são nossos, são do Senhor! Ter essa consciência é a fonte de onde flui a liberdade que qualquer acompanhamento espiritual honesto exige.

Índice

«Ser» acompanhante espiritual	5
<i>«Apascenta as minhas ovelhas»</i>	11
«Simão, filho de João» – 12; «Tu és deveras meu amigo?... Senhor, Tu sabes tudo. Tu bem sabes que sou deveras teu amigo» – 13; «As minhas ovelhas» – 15	
A fé do acompanhante espiritual	17
<i>«Fazei o que Ele vos disser»</i>	24
«Não têm vinho» – 25; «Fazei o que Ele vos disser» – 26; «Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos» – 28	
A oração do acompanhante espiritual	31
<i>«Bendigo-te, ó Pai»</i>	37
«Naquela ocasião...» – 38; «... as revelaste aos pequeninos» – 40; «Eu hei de aliviar-vos» – 41	
A abnegação do acompanhante espiritual	43
<i>«Colocou-o sobre a sua própria montada»</i>	50
«Certo homem... meio-morto» – 51; «Colocou-o sobre a sua própria montada» – 53; «Pagar-to-ei quando voltar» – 54	

A humildade do acompanhante espiritual	57
«Começou a lavar os pés aos discípulos»	62
«Tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura» – 64; «Começou a lavar os pés» – 66; «Também vós deveis lavar os pés uns aos outros» – 67	
A confiança do acompanhante espiritual	69
«Não pudemos»	74
«Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram» – 76; «Esta casta (...) só pode ser expulsa à força de oração» – 77; «Tomando-o pela mão, Jesus levantou-o e ele pôs-se de pé» – 79	
A misericórdia do acompanhante espiritual	81
«Até a encontrar»	86
«Tendo perdido uma delas» – 87; «Até a encontrar» – 88; «Põe-na (...) aos ombros» – 90	
O discernimento do acompanhante espiritual	93
«É permitido ao sábado?»	99
«Um homem que tinha uma mão paralisada» – 100; «E a eles perguntou» – 101; «Como haviam de matar Jesus» – 102	
A «eclesialidade» do acompanhante espiritual	105
«Tomé não estava com eles»	111
«Com medo das autoridades judaicas» – 113; «Tomé (...) não estava com eles» – 114; «Oito dias depois... Tomé estava com eles. Jesus veio» – 115	

Índice

O «acolher» do acompanhante espiritual	119
« <i>Despacha-a porque ela persegue-nos com os seus gritos</i> »	124
«Uma cananea (...) começou a gritar» – 125; « <i>Despacha-a porque ela persegue-nos com os seus gritos</i> » – 126; « <i>Ó mulher, grande é a tua fé!</i> » – 128	
Acompanhar no sofrimento	131
O quê e onde	131
«Ser casa»	133
Escutar com os cinco sentidos	134
« <i>Abriu-me os olhos</i> » (<i>Jo 9, 30</i>)	136
Ajudar a discernir o sofrimento	140
« <i>Fiz-me fraco com os fracos... para salvar alguns a qualquer custo</i> »	142
« <i>Pediram a Jesus que se retirasse do seu território</i> »	145
« <i>Saído dos túmulos</i> » – 147; « <i>Não me atormentes</i> » – 148; « <i>Pediram a Jesus que se retirasse do seu território</i> » – 150	
As «tentações» do acompanhante espiritual	153
Pôr em Deus «toda» a sua esperança.....	154
« <i>Que se despoje de todo o interesse próprio</i> »	155
« <i>Tendo no nome do Senhor a sua única arma</i> »	156
« <i>Depois de os ter despedido</i> »	158
« <i>Eram como ovelhas sem pastor</i> » – 159; « <i>Quantos pães tendes?</i> » – 160; « <i>Depois de os ter despedido</i> » – 162	
<i>Índice</i>	165